

POR UMA VISÃO ESPIRITUALISTA-ECOLÓGICA DO MEIO AMBIENTE: Apontamentos introdutórios ao dossiê O Sagrado e o Meio Ambiente II

FOR A SPIRITUALIST-ECOLOGICAL VISION OF THE ENVIRONMENT:
Introductory notes in the dossier The Sacred and the Environment II

Rodolfo Geiser^{}*

Resumo

Nestes apontamentos revisito e recupero a memória de grandes ecólogos brasileiros, cujos legados em prol do Meio Ambiente necessitam urgente de um resgate histórico. Bem como levanto vários temas que inquietam hoje as mentes mais sensíveis sob o ponto de vista da diversidade ecológica e biológica, como o Coronavírus (COVID-19), os problemas ambientais da Amazônia, os dramas da igualação da Paisagem e o conceito de cidade planejada, assinalando as práticas equivocadas. Todos esses temas, que não tenho a pretensão de esgotar aqui, estão explícita ou implicitamente contemplados neste dossiê que a Relicário está apresentando neste seu novo número. Finalmente, a partir do roteiro de leituras de filósofos e pensadores que percorri ao longo dos 55 anos de trabalho nessa área, pincelo textos e bibliografia que interessam aos estudiosos do meio ambiente rural e urbano.

Palavras-chave: Diversidade ecológica e biológica. Coronavírus. Amazônia. Resiliência.

Abstract

In these notes, I revisit and recover the memory of great Brazilian ecologists, whose legacies in favor of the Environment urgently need a historical rescue. As well as raising several issues that concern the most sensitive minds today from the point of view of ecological and biological diversity, such as the Coronavirus (COVID-19), the environmental problems of the Amazon, the dramas of the equalization of the Landscape and the concept of planned city, pointing out the wrong practices. All of these themes, which I do not intend to exhaust here, are explicitly or implicitly contemplated in this dossier that Relicário is presenting in this new issue. Finally, based on the script of readings by philosophers and thinkers that I covered over the 55 years of work in this area, I try to brush up on some texts and bibliography that are of interest to scholars of the rural and urban environment.

Keywords: Ecological and biological diversity. Coronavirus. Amazon. Resilience.

(*)Engenheiro agrônomo, ecólogo e paisagista. Formado pela "Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz" (ESALQ/USP) em 1963. Participou do Curso "Manejo da Paisagem e Mapeamento da Vegetação" (03 a 28 de Setembro de 1973), ministrado pelo Prof. Paul Seibert da Universidade de Munique, e do "Waldbauinstitut, Abteilung Vegetationskunde und Landschaftspflege", sob o patrocínio do Instituto Florestal do Estado de São Paulo em Campos do Jordão, SP. Recebeu a Medalha "Joaquim Eugenio de Lima", outorgada em 1993, pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do ESP (AEAESP), pelo reconhecimento aos serviços em Paisagismo e Ecologia sob o ponto de vista da Agronomia. Fundador e Diretor Presidente da SBP-Sociedade Brasileira de Paisagismo (1970-1990), entidade sem fins lucrativos, que se preocupa com a defesa da paisagem e da natureza. Trabalhou em defesa das Áreas Verdes Urbanas, nas causas do Índio, Amazônia e contra a construção do Aeroporto Metropolitano em Caucaia do Alto, Cotia, SP. Autor de vários projetos de Paisagismo. Editor convidado do Dossiê O Sagrado e o Meio Ambiente I e II desta revista. **Email: rodolfogeiser@gmail.com**

RESILIÊNCIA MAIS DO QUE SUSTENTABILIDADE

*O mundo tornou-se perigoso, porque os homens
aprenderam a dominar a natureza
antes de se dominarem a si próprios. (Albert Schweitzer)*

O que se pode depreender de tudo que tenho visto nessa relação Sagrado x Meio Ambiente é que muito do que se pensa a respeito está vinculado com tal ou qual ‘Concepção do Mundo e da Vida’, como constatou Albert Schweitzer¹. No mundo ocidental judaico-cristão predomina um teísmo baseado na Bíblia e, no que tange diretamente ao meio ambiente, sua primeira parte o *Genesis*. A criação do mundo envolvendo uma separação entre espécie humana e a natureza em geral. O homem como espécie ‘superior’, que tem consciência e é o ‘filho de Deus’; seu eleito. Essa separação sugere que o primeiro, o Homem, pode explorar a Natureza o quanto quiser e conseguir. Enquanto que a experiência humana na ocupação da superfície e o conhecimento científico por ela produzido tem demonstrado que o homem é parte integrante da Natureza e não deve viver em desarmonia com ela. Pelo contrario, deve buscar harmonia, respeito à diversidade biológica como base para um equilíbrio biológico entre todos seus componentes.

O Papa Francisco, na sua Encíclica *Laudato Si*² tenta mostrar que o texto do *Genesis* deve ser interpretado diferentemente e que o homem deve sim viver em comunhão com a Natureza. Infelizmente, muito se tem demonstrado que interesses outros, tais como os de uma minoria detentora do controle financeiro, levam a não gostar dessa última versão, pois ela, a minoria, deseja explorar ao máximo os recursos naturais em proveito próprio, apoiando-se no conceito ‘errôneo’ de que Deus permite a exploração da Natureza até que se esgote e protegerá a espécie humana. Por isso é que pessoalmente creio que a questão ambiental deve ser tratada essencialmente (tão somente) em base ao princípio de “Respeito e Reverência à Vida” tal como proposto por Albert Schweitzer (1959). Sem qualquer cunho teísta. Como algo necessário para a preservação e evolução da Vida. Em outras palavras: a questão ambiental é

¹ Ver sua obra **Decadência e Regeneração da Cultura**, Ed. Melhoramentos, São Paulo, SP, 1959, 2.Ed. 110 paginas.

² Ver a respeito o artigo que publiquei na Revista Relicário v.3 n.5, jan./jun.2016, intitulado **Laudato Si’ e a Sustentabilidade: algumas reflexões**
<https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/41/34>

independente da crença em Deus. Mais ainda: o Respeito e Reverência à Vida cabe a todos: aos crentes e aos ateus. Pois a sobrevivência de um e outro depende da existência de condições favoráveis à Vida, em todas suas formas, plantas, animais, homem, incluindo toda a **diversidade biológica**.

Antes de terminar este primeiro apontamento no tocante a uma visão judaico-cristã do mundo Ocidental é necessário colocar que em termos ‘filosóficos’ – alguns dizem ‘metafilosóficos’ (refiro-me a Toshimitsu Hasumi) – no mundo oriental predomina outra visão de mundo, centralizada em Buda na Índia, taoismo na China e budismo Zen no Japão. Nessa concepção, não há um cisão entre a realidade física da Vida no Planeta Terra e a espiritualidade de um mundo divino. Nessas correntes de pensamento no Mundo Oriental, a Vida em toda a Terra deve manter-se em comunhão entre todos seus elementos: plantas, animais e o homem, todos em equilíbrio e em comunhão entre si. E, no caso da espécie humana, incluindo sua espiritualidade, mesmo que agnóstica. Tudo é uma única Coisa só. Essa unicidade proporciona uma inerente (automática) valorização da Vida e preservação de condições para a Vida na Terra. Infelizmente em nosso mundo atual de ‘Vida Global’, a globalização, vem deteriorando essa visão de unicidade da Vida como um todo, a favor de uma visão mercantilista e financeira... Tanto isso é verdade que BUDA, já antes de Cristo, é tido como o primeiro ecólogo na história da humanidade ao preocupar-se com a degradação do solo nas margens do Rio Ganges.

No que tange a Homem/Cultura/sobrevivência da humanidade, proponho a substituição de "Mecânico" como modelo de pensar para "Biologia", tal como afirma Ricardo Guimarães, sócio fundador da empresa Thymus, uma empresa de consultoria.³

De meu lado, na realidade há muito venho pensando nessa linha. Deve ter começado lá por 1975/80 quando li *O acaso e a necessidade* de Jacques Monod (1976), prêmio Nobel de medicina e química orgânica. Os seres vivos somos uma máquina química dinâmica em constante alteração, ou seja: viva - de "vida"! Minha história é longa nessa linha de pensamento e passa por meu falecido amigo Vilem Flusser através

³ Ver o link:

<https://www.facebook.com/vani.rezende.1/videos/2916672018412044/UzpfSTewMDAwMDc0NTczMz M2NjozMTk0MzQ1MjMwNjAwMzAz/>

do conceito de Pós-História⁴ como ele pensava essa palavra. Pós-História vinculada a novos tempos! Nos dias de hoje, o que me parece importante ressaltar é que a humanidade tem de pensar sua sobrevivência deixando para segundo plano o modelo da sustentabilidade que deve impreterivelmente ser substituído pelo de **Resiliência**⁵, muito mais dinâmico e flexível. O conceito de Flusser de Pós-História não tem NADA a ver com o de “Pós-História” de Fukuyama, economista nipo-norteamericano, embora possuam o mesmo denominador comum, qual seja, **afetam a humanidade como um todo; é global**: o de Vilém no sentido da espiritualidade humana e o de Fukuyama, de uma Economia Global que implica o final da História. Sobre esse tema expus mais detalhadamente minhas ideias que estão publicadas no meu blog⁶.

A publicação acima referida merece uma nova, outra visão! Que é a de David Flusser, primo de Vilém Flusser, e que foi Professor da Universidade Hebraica em Jerusalém, cujas ideias estão expostas em seu livro *Jesus*, que traz em seu último capítulo o título “Os estágios da História de Redenção segundo João Batista e Jesus”. Ai consta como fase final desses estágios (patamares na minha maneira de ver) o da História que será sucedida pela Pós-História - que ocorrerá em cada uma de 3 situações: do Sistema Bipartite, de Jesus e Sistema Tripartite – ou o Período do Espírito.⁷

Um segundo denominador comum é que estaríamos numa interface entre História e Pós-História – lembrando um pouco aquele evento imaginado no mundo ocidental que “o mundo acabaria no ano 2.000”! E a partir daí viria o “Reino de Deus”... O Pós-História seria assim o Reino de Deus... Poderia se constituir a passagem do “mundo concreto” onde vivemos, para um mundo 100% Espiritual... Claro, como uma predição, não precisa ser exatamente 2000. Pode ser 2020! Concluo que para mim, se imaginar a realidade em patamares, pela minha emoção, a realidade espiritual está em plano mais elevado e a realidade onde vivemos está em segundo plano – como se tudo de bom e mal que ocorre no mundo não interessasse. E o que interessa é a postura ética de cada um nesse patamar. Embora o patamar concreto=terreno seja mais crível e indispensável

⁴ Ver Vilém Flusser, **Pós-História – vinte instantâneos e um modo de usar**. Livraria Duas Cidades, 1983, 168 páginas.

⁵ Diversos autores, dossiê: “**Resilient Cities and Landscapes**” . Revista Topos. Nº 90. 2015. Editora Callway, Alemanha. 112 páginas.

⁶ Ver o link <https://rodolfogeiser.com.br/blog/2012/04/23/pos-historia-um-paralelo-entre-cultura-e-natureza/>

⁷ David Flusser, **Jesus**, 2002, Editora Perspectiva, Brasil. 312 páginas.

para todos, pois nele estamos presos (aqui nascemos, vivemos e compulsoriamente morreremos), o patamar espiritual é mais importante, necessário e... acessível.

DIVERSIDADE BIOLÓGICA E CORONAVIRUS: o fundo espiritual

Dentro do enfoque acima, tanto o Corona Virus quanto o vírus da AIDs, têm sim fundo espiritual: está afetando de modo inimaginável toda a população do globo. Que, de um modo generalizado, está tomando as mesmas precauções e medidas, como se isso fosse, ou é, a demonstração de uma força espiritual UNA.

Grandes doenças que atacam homens, animais e a vegetação em escala planetária, que podem colocar toda a humanidade em risco, surgem quando encontram caminho aberto, representado por extensos monocultivos e a IGUALAÇÃO da Paisagem.⁸ Igualação da Paisagem em escala planetária é uma consequência da expansão humana, da urbanização, da agricultura e da devastação em geral, bem como da perda da diversidade biológica. Assim, se surge um inimigo em potencial – como a Peste Suína e o CORONAVIRUS –, sua rápida expansão acontece porque ele encontra condições ambientais ideais para seu desenvolvimento, em base ao ambiente existente (igualado). O modelo de pensar essa situação pode ser buscado aqui no Brasil, no caso da formiga saúva, que se expandiu a partir da devastação no Vale do Paraíba do Sul, para o cultivo do café. Ela sempre esteve presente nas matas, mas em equilíbrio com as demais espécies vegetais e animais. Com a devastação e a lavoura do café, o equilíbrio ecológico e biológico se rompeu e ela encontrou condições ideais para sua expansão graças aos cafeeiros e sua folhagem que lhe serviam de alimentação. Trata-se de um caso de importância histórica. Foi tão grave que Monteiro Lobato escreveu: “Ou acabamos com a formiga saúva ou ela acaba com o Brasil”. Agora imaginem o Coronavirus, que surgiu em dezembro de 2019 na China e está ocasionando um grande número de mortes em escala planetária. Ele se caracteriza por não apresentar sintomas nas pessoas infectadas por 14 dias, mas, nesse período, já vai se transmitindo (espalhando) para outras pessoas que contatarem a infectada. Imaginem ainda se esse período de não manifestação de sintomas, mas já transmitindo a doença, for, através de uma mutação, dez vezes maior, de 140 dias, não poderá ser o fim da humanidade? A IGUALAÇÃO da Paisagem provocada pelo homem e que leva também ao desequilíbrio

⁸ Sobre IGUALAÇÃO Paisagem, ver Garret Eckbo, **Landscape for Living**, Editora F. V. Dodge Co. EUA. 1950, 262 páginas.

da vida na natureza, vem de encontro com a livre expressão da Natureza, em base à diversidade biológica. Nós humanos, como *princípio* para ocupação na paisagem das terras e mares, devemos promover a diversidade ecológica e biológica que sustém o equilíbrio ecológico e nos livra de surtos e pandemias. Para mais detalhes sobre ocupação da paisagem veja-se Ian McHarg.⁹

OS DOIS ALMIRANTES

Nessa ordem de ideias, em se falando do cuidado com a Natureza, é imprescindível mencionar dois representantes da Marinha do Brasil, os Almirantes José Luiz Belart (1906/1980) e Ibsen de Gusmão Câmara (1923/2014). A importância de ambos é imensa. Talvez estejam entre os 10 maiores ecólogos brasileiros. Ambos tiveram um denso trabalho em favor da preservação ambiental, da biodiversidade e da Natureza a partir da sua atuação como militares na Marinha do Brasil, complementado pela intermediação com governo, produção de documentos técnicos, atuação através de ONGs. O almirante Belart ficou paraplégico em 1958 e a partir daí dedicou-se incansavelmente e em tempo integral à causa ambiental e ficou muito conhecido através de sua correspondência com o ambientalista José Lutzenberger¹⁰, do RS. O segundo atuou enquanto membro da Marinha, publicando até artigos anonimamente. Ao aposentar-se colaborou com dezenas de ONGs ambientais e foi Presidente da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza – FBCN, uma das mais importantes e mais antigas ONGs ambientais do Brasil, fundada em 1958. Ambos participaram e foram comandantes da **Flotilha da Amazônia** o que os torna mais próximos ainda do presente dossiê O sacro e o Meio Ambiente II. Mar e rio e a imensidão da vegetação às suas margens os aproximaram da Vida nas águas – observando-a apaixonaram-se por Ela, batalharam por sua preservação e manutenção de sua biodiversidade. Ibsen, inclusive, tinha sangue de artista e deixou um legado de desenhos de bico de pena sobre paleontologia, um de seus interesses pessoais.

⁹ Ver Ian L. McHarg, “**Design with Nature**”, Publicado pelo Museu Americano de História Natural. Doublesay & Co. EUA. 1971. 198 páginas.

¹⁰ Ver a esse respeito o artigo **Uma amizade e dois modos de atuar como ambientalista: a correspondência entre José Lutzenberger e José Luiz Belart (1973-1979)**, de Elenita Malta Pereira e João Davi Oliveira Minuzzi, publicado neste número da Revista Relicário.

Diante desses dois almirantes¹¹ que atuaram como militares na Amazônia e percorreram os mares territoriais brasileiros que os fez sensibilizarem-se pela imensidão do território brasileiro e da Vida que ele abriga, em especial nas águas, constate-se que esses homens tiveram diante de si e sua responsabilidade sobre os 5.000.000 de quilômetros quadrados da Amazônia, acrescidos de algo em torno de 4.000.000 de quilômetros quadrados de mares costeiros que constituem a ZEE- Zona Econômica Exclusiva do Brasil.

Sobre a Amazônia, Flotilha do Amazonas, da Marinha do Brasil, indico a leitura das páginas 33 à 38 do documento abaixo (ver link). O papel dos Almirantes Belart e Ibsen Câmara na defesa do meio ambiente e da biodiversidade (incluindo a Marinha) é essencial.

https://books.google.com.br/books?id=owpx00I7W4YC&pg=PA33&lpg=PA33&dq=Ibsen+Gusm%C3%A3o+Camara+e+a+Marinha+do+Brasil+e+o+Meio+Ambiente&source=bl&ots=meG2mAQsTI&sig=ACfU3U3DIZVKwEHOS8_ZiOFedcRHnqwEdA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjf9IXrrcnnAhVFJLkGHdHkCb84KBD0ATAgGegQIChAB#v=onepage&q=Ibsen%20Gusm%C3%A3o%20Camara%20e%20a%20Marinha%20do%20Brasil%20e%20o%20Meio%20Ambiente&f=false

Em 2006 foi publicado nos EUA com tradução imediata no Brasil: “Os 50 Ecólogos mais importantes do Mundo – de Buda a Chico Mendes”. Buda é o primeiro por ser o mais antigo. De antes de Cristo. Preocupava-se, como já mencionei, com o mau uso do solo às margens do Rio Ganges... Depois vêm chineses taoistas, Aristóteles, São Francisco ... Baruch Spinoza ... passa por Karl Marx, Jean Jacques Rousseau ... Albert Schweitzer... etc....e termina com Chico Mendes (?).

O muito estranho nesse livro, ao menos para mim, é colocar Chico Mendes (1944/1988) como o único ambientalista brasileiro selecionado entre 50 no mundo todo.

¹¹ Aqui cabe mencionar como exemplos alguns dos casos de envolvimento dos almirantes, como se pode observar nesta citação sobre Ibsen: “Viajou principalmente para os Estados Unidos, para a América Central e para a região do Caribe. Ibsen comandou cinco navios na Amazônia, que tinham por objetivo fazer o patrulhamento dos rios da região e oferecer atendimento médico para as comunidades ribeirinhas. Participou da Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, da qual foi mais tarde presidente, liderou a luta pelo fim da caça de baleias e escreveu e participou da escrita de inúmeros livros sobre conservação ambiental. Sempre preocupado com as questões ambientais, ainda ajudou a elaborar a Lei de Unidades de Conservação, das quais é grande defensor, ingressou na Fundação SOS Mata Atlântica, da qual foi conselheiro por quinze anos, e participou de mais de dez ONGs voltadas à preservação do meio ambiente.”

Ao lado de Buda. A meu ver, e creio que a grande maioria de meus colegas vai concordar, o maior ecólogo e ambientalista brasileiro é Paulo Nogueira Neto. Biólogo, professor doutor da USP, Nogueira Neto (1922/2019) foi o primeiro “Ministro” do Meio Ambiente – naquela época não era Ministério ainda, no tempo do Governo Militar. Cientista sério, com diversos trabalhos publicados, era militante através da ONG Associação de Defesa da Flora e Fauna - ADEFLOFA.¹² Além de todo seu trabalho científico, militou incansavelmente na causa ambiental, em nível nacional e internacional. Por intermédio de seu trabalho e incluindo meu interesse pessoal pela causa. Sou testemunha disso. Conheci-o aproximadamente em 1966 e lá por 2010 encontrei-o num Seminário sobre Plantas Frutíferas Nativas no Instituto Florestal de São Paulo, ou seja, quando já tinha seus mais de 90 anos. Ainda no Estado de São Paulo, muito mais importante que Chico Mendes está o também ecólogo e ambientalista, engenheiro agrônomo Mauro Antonio de Moraes Victor, outra pessoa de coragem e conduta ética inquestionável, que também atua em nível nacional e internacional. Outro nome é o professor Aziz Ab Saber (1924/2012), que voltarei a citar no item “Sobre os Índios” desses Apontamentos. Não dá para listar todos ecólogos e ambientalistas brasileiros, além dos demais constantes do presente *Apontamentos Introdutórios*, que merecem atenção prioritária à Chico Mendes. Entretanto, fica aqui meu registro, que merece ser investigado à fundo por pessoas que tenham condições para isso, para o bem do movimento ambiental no Brasil. Estou falando de conduta ética em nível geral e global, **independentemente** da pessoa física de Chico Mendes, mesmo porque o livro em pauta foi lançado 16 anos após sua morte.

Vejo no Brasil e também no mundo diversas vertentes políticas. Trata-se da “direita” e da “esquerda”, com todas suas interfaces e extremismos. Nessas vertentes políticas inclui-se o PV- Partido Verde, existente em diversos outros países do mundo e alicerçado em posições até bem diferentes entre si. Infelizmente, esses PVs para subsistirem fazem alianças políticas que diferem em cada país e em diferentes posições entre os extremos direita e esquerda. Recuso-me a situar em quaisquer uma dessas situações e mesmo em me integrar a qualquer PV – sempre lembrando que exceções existem em seus membros – penso, aqui, sempre no médico e vereador paulista Gilberto Natalini (1952 -). O pensamento ambiental, dito “verde” deve-se pautar na conduta ética e ser independente de atuação partidária, seja no executivo, legislativo ou

¹² Ver https://www.wwf.org.br/wwf_brasil/historia_wwf_brasil/paulo_nogueira_netto/.

judiciário, pois a luta pela Vida deve ser pautada exclusivamente na verdade, na realidade e na ética desprovida de qualquer outro tipo de interesse. Nessa linha de pensar devemos valorizar todas as pessoas realmente favoráveis e atuantes na causa da ecologia e do ambiente. Que fizeram coisas concretas a favor dessa causa. No caso específico do Brasil, pessoas como os dois almirantes supra mencionados.

OS QUE COBIÇAM A AMAZÔNIA

Na década de 1990 estadistas no hemisfério norte pregaram para a Amazônia, não a *soberania plena* da região, mas o conceito de *soberania relativa*, ou seja uma interferência das nações do primeiro mundo no território brasileiro. Tudo começou com Mitterrand, passou pela Casa Branca e Al Gore no Senado americano, alcançou Gorbachev, Thatcher e Felipe Gonzáles (*Apud* Mauro Victor¹³). Em Agosto de 2019 o Presidente Macron da França volta à carga afirmando que é necessário um estatuto internacional para a Amazônia em benefício do planeta Terra, ou seja, transformar um assunto nacional do Brasil em internacional. Nessa linha de pensar questiono a Igreja Católica e o Sínodo da Amazônia: não seria uma *intervenção* de uma potência estrangeira – o Vaticano? De uma interferência religiosa em toda uma região, repetindo a invasão das terras indígenas e sua ‘catequização’ iniciada no século XV por espanhóis e portugueses na América? São indagações e não propriamente questionamentos, O artigo de Gabriel S. Ribeiro¹⁴, publicado neste número da Relicário, trata dessas questões, abordando o que chama de “pecado ecológico”.

SOBRE OS ÍNDIOS

Reconheço que é muito complexo propor alguma coisa para os índios da região Amazônia. Devem ser integrados ou não? Permanecer livres – e isolados?, em suas terras? A meu ver devemos pensar como representantes de um Estado que é constitucionalmente laico, permitindo e defendendo para os índios no Brasil liberdade em suas terras e que decidam por si próprios. Aqui, para propor algo concreto para os

¹³ Mauro Victor é engenheiro agrônomo, diversas vezes Diretor do Instituto Florestal – SP e autor de **Brasil – O Capital Natural**, Botucatu, SP, 2007, FEPAF – Fundação Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais, UNESP – Campus de Botucatu, 276 páginas.

¹⁴ Ver o artigo publicado neste número sob o título **Um caminho de sinodalidade: Perspectivas teológico-pastorais do Sínodo Pan-amazônico em seu Documento Final**.

índios sou favorável aos sete princípios propostos pelo Professor da USP e ambientalista Aziz Ab Saber (1924/2012)¹⁵, a saber (*apud* Mauro Victor, 2007):

1- Garantir a integridade física e comunitária das populações indígenas em seu ambiente tradicional de vivência ecológica, sem interferências negativas de grupos alienígenas;

2- A territorialidade das reservas indígenas como espaço de sobrevivência de grupos étnicos de raízes pré-históricas;

3- A cultura dos grupos indígenas considerando todos os seus valores – sociológicos, animalógicos, ergológicos, artísticos e lúdicos;

4- A não ingerência de componentes alienígenas, com atitudes agressivas ou contagiantes, provenientes da base ou do topo das sociedades ditas modernas;

5- O rechaçamento definitivo, por execração cultural, dos conceitos aberrantes de membros ignorantes do governo, a respeito dos indígenas brasileiros;

6- Proibição de qualquer interferência de particulares ou autoridades leigas em áreas de reservas indígenas, interdição de atividades turísticas em reservas de grupos não aculturados; a garantia do acesso exclusivo – discreto e contido – somente para especialistas;

7- Organização de um fundo nacional (se possível, internacional) para proteção e defesa dos grupos indígenas – em diferentes níveis de aculturação – a ser gerido por lideranças indígenas e conselhos antropológicos, compostos por pessoas de reconhecida competência e idoneidade “ (Ab’Saber 2004).

É necessário considerar que a questão indígena no Brasil, nesses quinhentos e poucos anos do descobrimento, com a ocupação de portugueses e outros povos e a conseqüente miscigenação com os indígenas, levanta questões psicossociais que deveriam ser analisadas no interesse do melhor entendimento de nossa “Identidade Nacional”. Não cabe aqui entrar na análise dessa linha de pensamento, mas é necessário deixar bem claro que é algo a ser pesquisado; veja-se, por exemplo, a tese de doutorado

¹⁵ Aziz Nacib Ab’Saber foi professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) de 1993 a 1995.

de Roberto Gambini, como publicada em *Espelho Índio – A formação da alma brasileira* (Editora Axis Mundi, São Paulo, SP, 2.000 – 192 páginas).¹⁶

O FOGO NO AMAZONAS

Vejam a frase “Amazônia em fogo”: quem não conhece a Amazônia, ou conhece muito bem como o Presidente da França, ‘acredita’ nela – porque anseia por sua internacionalização (você, leitor, gostaria?). A Amazônia tem por baixo 50% de preservação. Escrever essa frase implica que haja fogo *em toda* região, indistintamente em zonas preservadas ou não. O fogo está restrito às áreas ocupadas e faixas vizinhas, seja pela agropecuária, seja pelas estradas, seja por invasores de terras (posseiros). Então essa frase é incorreta. Poderíamos ainda dizer que “O Brasil está em fogo” uma vez que o uso do fogo faz parte de nossas tradições - agrícolas e não agrícolas, para ‘limpeza’ das terras. Aqui em Bragança Paulista-SP, no meu pedaço, via-se fogo todas as noites desde os meses de inverno até início de outubro; por mais de 3 meses seguidos! Tem fogo em todo o país, de norte a sul, incluindo o Rio Grande do Sul: sempre junto às áreas ocupadas, em especial pela agricultura e rodovias. Assim, essa segunda frase também é incorreta e manipuladora – no caso em especial pela mídia corporativa e políticos de oposição. Não acho isso correto: falo aqui, repetindo, a partir de uma visão de ecólogo que se pauta por atitudes verdadeiras e reais desta questão e sem manipulação. Se, como ecólogo, não me pautar pela verdade e independência, estou denegrindo todo o movimento ambiental, que já sofre em demasia por conta da mídia dinheirista e manipuladora. No mais, há fogo na Amazônia, no Brasil, na Austrália, na Califórnia, em Portugal, na França e certamente na África (que não é anunciado).

Penso que nessa questão recente (2019) do fogo na Amazônia, centrado nas partes ocupadas, ocorreu uma espécie de terrorismo, e foi intencional, com objetivos escusos os mais diversos: de ordem política interna, de interesses internacionais em se apropriar da Amazônia e de corrupção pura e simples, mas de fazer inveja a um AlCapone. Nisso extrema esquerda e extrema direita estão unidas: assim penso. O fogo “pegou”, sobretudo no sentido político, quando o Executivo, com toda razão, questionou a ação de algumas ONGs que “pintam os canecos” nesse Brasil, onde corre dinheiro solto... Atingiu esquerdistas, direitistas, grupos mal intencionados, brasileiros e estrangeiros, e

¹⁶ Roberto Gambini é formado pela PUC-SP em Ciências Sociais e Direito, tem mestrado na Universidade de Chicago, com doutorado em Psicologia Analítica no Instituto C.G.Jung de Zurique.

alguns bandidos altamente sofisticados que provavelmente também trabalham infiltrados em algumas ONGs (narcotráfico etc)...

SOBRE AS ENCHENTES EM MINAS E BELO HORIZONTE

A enchente que alagou dezenas de ruas de Belo Horizonte em janeiro deste ano trouxe à tona um debate que mobiliza especialistas há pelo menos 15 anos, mas permanecia ignorado pelo poder público: a canalização dos rios que cortam a cidade e suas consequências. Vejam:

[Topografia e urbanização de Belo Horizonte agravam as consequências no período chuvoso](#)

G1 - Minas Gerais - HOME

Cobrir rios para expandir o trânsito fez parte da estratégia de desenvolvimento de Belo Horizonte desde sua fundação há 122 anos. Porém, a topografia da cidade favorece os alagamentos. A capital está cercada de paredões de montanhas que fazem a água da chuva escoar para área urbana. Esta água segue por canais e córregos em direção a outros rios. Ao longo do tempo estes cursos d'água foram canalizados e desapareceram da vista dos moradores. Só que a cada chuva forte, eles lembram que ainda estão lá.

Agora, essa história de enterrar os rios em Belo Horizonte, como política de circulação de veículos e, pior, há 122 anos! Um acinte e ninguém INDIGNADO, ou ao menos ao nível que se deseja!!! Todo mundo envolvido: políticos, do executivo, legislativo, judiciário, técnicos como agrônomos e arquitetos urbanistas... há 122 anos..... N I N G U É M ... Imaginando que uma capital é modelo a ser seguido, modelo positivo, é claro que enchentes vão aparecer em outras 190 cidades mineiras...

A primeira pergunta que se pode fazer é:

- Como é que há 122 anos se planejou uma cidade – BH, **desconsiderando as regras básicas de um Código Florestal?**

A segunda implícita é:

- Onde estiveram os engenheiros agrônomos mineiros todo esse tempo – ao não alertarem os urbanistas do descalabro que é aterrar rios para fazer avenidas?

Jamais imaginei que o caso de Belo Horizonte tivesse tal gravidade sob o ponto de vista de planejamento urbano, que envolve política e interesses escusos... E até os profissionais da área e responsáveis não se manifestaram? Nem geólogos, biólogos??? Um desrespeito total, há 122 anos, pelo meio ambiente. Onde estiveram todo esse

tempo as universidades mineiras que não abriram nem um “A-zinho” sobre isso? Ou estarei enganado?

Há pouco tempo apareceu um administrador público na TV Bandeirantes e deu uma entrevista afirmando: NENHUMA cidade do mundo suportaria o impacto que BH sofreu com as chuvas: mentira deslavada de um cara de pau querendo tirar de si qualquer responsabilidade. Você viaja pela Europa, Estados Unidos, Canadá e vê o respeito pela hidrografia. Escrevi na ocasião uma longa MSG de improviso para a BandNews. Espero que alguém tenha lido, embora não tenha tido retorno. Lembrando que esse assunto já preocupava Buda 2.500 anos atrás – já antes de Cristo: ao ver o mau uso das terras agrícolas e urbanização à beira do Rio Ganges... o que demonstra ser um assunto de conhecimento UNIVERSAL embora, pelo jeito, raros se conscientizem dele...

Um dos problemas que vejo nos tratos da Natureza e ocupação humana descontinua é a falta de INDIGNAÇÃO. Situações gritantes de nojo, insensatez, cara de pau, corrupções, descaso com a Natureza e consigo mesmos. Vejam o caso das mortes causadas pela mineradora Vale... Meu ponto de vista: morreu gente por causa da corrupção e ninguém foi punido ou responsabilizado, salvo algumas quimeras... pessoas foram **assassinadas** por descaso, por amor ao dinheiro, sem qualquer preocupação maior por parte da diretoria da Vale.¹⁷

Para finalizar, vamos lembrar repetindo: a palavra princípio para se pensar um mundo mais saudável e equilibrado não é mais “Sustentabilidade”. No século XXI é RESILIENCIA: a capacidade de se proteger, amortizar e se recuperar rapidamente de grandes impactos negativos. Tal o caso do Coronavírus... Resiliência é um modelo de pensar muito mais dinâmico e adequado ao nosso século XXI!

Sem a pretensão de ter esgotado nenhum dos itens abordados acima, e nem de estar com a última palavra da verdade, com esses apontamentos espero ter contribuído para o debate atual sobre os temas tratados neste número da Revista Relicário.

¹⁷ Sobre o desastre em Mariana (MG) ver o artigo **Danos tangíveis e intangíveis no rompimento da Barragem do Fundão (Mariana/MG)...**, de Luciana Maria Lima Leme, Gabriela Maria Leme Trivellato e Ademir Lucas, todos pertencentes a programas de Pós-Graduação da ESALQ (CENA e USP), que está publicado neste número da Relicário.

REFERÊNCIAS

- FLUSSER, Davi. **Jesus**. São Paulo-SP, Brasil: Editora Perspectiva, 2002. 312 páginas.
- FLUSSER, Vilém. **Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo-SP: Livraria Duas Cidades Editora, 1983. 168 páginas.
- GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio – A formação da alma brasileira**. São Paulo, SP: Editora Axis Mundi, 2000. 192 páginas.
- GARRET, Eckbo. **Landscape for Living**. EUA: Editora F. V. Dodge Co. 1950. 262 páginas.
- HASUMI, Toshimitsu. **ZEN in Japanese Art – A way of spiritual experience**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1962.
- MCHARG, Ian L. **“Design with Nature”**. Publicado pelo Museu Americano de História Natural. Doubleday & Co. EUA, 1971. 198 páginas.
- MONOD, Jacques. **O acaso e a necessidade**. Petrópolis- RJ, Brasil: Editora Vozes, 3 Ed. , 1976. 220 páginas.
- PALMER, Joy A. **50 grandes ambientalistas – de Buda a Chico Mendes**. São Paulo- SP: Editora Contexto, 2006.
- SCHWEITZER, Albert. **Decadência e Regeneração da Cultura**. São Paulo-SP: Ed. Melhoramentos, 1959, 2 Ed. 110 páginas.
- VICTOR, Mauro. **Brasil - O Capital Natural**, Botucatu, SP, 2007, FEPAF – Fundação Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais, UNESP – Campus de Botucatu, 276 páginas.
- Diversos autores, dossiê: **“Resilient Cities and Landscapes”**. Revista Topos. Nº 90. 2015. Editora Callway, Alemanha. 112 páginas.

(Recebido em fevereiro de 2020; aceito em abril de 2020)